



*O Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires Josif*

---

## HOMILIA

### Domingo dos Santos e Teóforos Padres Do I Concilio Ecumênico



**H**oje, domingo que precede a festa de Pentecostes, a Igreja celebra a memória dos 318 Padres Teóforos que constituíram o Primeiro Concílio em Nicéia no ano 325. Tal comemoração se dá no mesmo plano catequético e preparatório que tem seu início na própria Páscoa, e como objetivo a outra grande festa da «divina economia» que é Pentecostes.

A chave de leitura deste domingo é também o mistério da «**revelação**» do Teantropo Cristo aos homens: essa revelação que se realiza historicamente em Jesus de Nazaré, mas que se **estende** e se **atualiza** pela recepção e ação do Espírito Paráclito aqui e agora, e pelos séculos dos séculos.

Essa **experiência**, essa **proximidade**, essa **relação** que se estabelece entre o «receptor» e o «Recebido» é a garantia da «revelação». E, como dito antes, o apocalipse é apocalipse na medida em que se expande imperiosamente, se prolonga, se estende de geração em geração no contexto do evento relacional por excelência, que é a Igreja.

A comemoração que faz hoje a Igreja evoca esse prolongamento da revelação de Deus em outro fato histórico concreto que supera em séculos a experiência apostólica, mas que tem as mesmas raízes e características atualizadas nas circunstâncias da Igreja naquela conjuntura histórica.

Este fato histórico é o Concílio Ecumênico. E, naturalmente, neste contexto, devemos interpretar esta instituição como uma reverberação do próprio Pentecostes. É por isso que a Tradição comemora este evento um domingo antes do Pentecostes. Prepara-nos para a festa com um evento que historicamente o sucede, mas que, em

sua essência, apresenta a mesma fisionomia: Assim é que o Concílio Ecumênico é outro Pentecostes.

É um evento eminentemente eclesiástico e, por isso, ecumênico. Evoca a **plenitude** de toda a criação como receptora daquela realidade que «advém» para recriá-la e aperfeiçoá-la; da mesma forma, reivindica a **unidade** do receptor como condição para a recepção do «Penhor»; finalmente, invoca a **Verdade** que emana do «**impulso apocalíptico**» e que se encarna - sempre aqui e agora - pela plenitude na unidade do corpo místico -o **alter ego transformado e (re-) assumido**- do Cristo-Messias advindo para inaugurar o «Reino».

O Concílio Ecumênico é, em sua essência, **uma garantia e uma prova** - sempre aqui e agora - da veracidade do apocalipse divino, enquanto a Igreja, em sua plenitude, tem a possibilidade de aderir ao dinamismo do Espírito e, através dele - é que transmitiu em tempo e forma o «Penhor» - ἡ Παρακαταθήκη--, a capacidade de poder **retransmiti-lo** a toda *Ecumene* pura e objetivamente no contexto único de veracidade que é associado ineludivelmente à plenitude.

O Concílio Ecumênico, portanto, é uma instituição sagrada, enquanto expressão natural e fisiológica do evento eclesiástico mais original. **É o filtro da Verdade e sua contra-prova:** é por isso que a **legitimidade** está automaticamente associada ao evento como critério indiscutível de valoração, interpretação e expressão do «Recebido».

O Concílio Ecumênico é interpretado a partir de muitos ângulos teológicos e seria injusto privá-lo dessa visão holística que se baseia primeiramente no processo de revelação da Divindade e de sua recepção pelos homens e por toda criatura. Para além desta visão que sustenta sua essência puramente eclesiástica, o «evento» se transforma em uma mera prática, circunscrita já a um âmbito meramente religioso, interpretada a partir da doutrina, da história, ou do direito canônico. Estes são escopos secundários. E devem permanecer hierarquicamente nesta posição para não alterá-la e, assim, alterar o conteúdo da interpretação original do «evento».

É assim que a realidade do Concílio Ecumênico - do evento eclesiástico - não pode ser entendida correta e legitimamente sem a **experiência** da Igreja como um «organismo pneumatóforo» que, em sua essência, reverbera essa **«relação»** livre e voluntária entre o Incriado e o criado, aquela **«veracidade»** que pode ser sentida durante a vida - sofre-se a «**experiência**» de receber Deus na própria existência e, finalmente, a **«legitimidade»** da mesma que, do âmbito pessoal, se estende e se compartilha com o «**pleroma**» que a aceita em plenitude como outro ângulo -de muitos e infinitos- da única revelação.

Como mencionei antes, **o Concílio Ecumênico é outro Pentecostes:** protagonista permanece sempre sendo a Divindade que se dá (a conhecer), se

compartilha, se faz evidente na realidade e na contingência do homem que, paradoxalmente, não fica em segundo plano, mas, ao recebê-la, torna-se **co-protagonista** de uma história, que ao fim e ao cabo é uma história de amor que tem princípio, mas não tem fim: «*O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer. Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vo-lo conceda. Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros* (Jo 15:12-17).

E, por último, esta é a chave de leitura do apocalipse e da ressurreição como (contra-)prova do «Recebido»: «*Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.* (Jo 3:16). Com efeito, o **Amor**: seja como «eros» ou «ágape» ou «filantropia» ou «misericórdia» ou «comiseração» ou qualquer outra manifestação do mesmo, é o amor divino a chave de leitura última da manifestação de Deus. E eis aqui porque não há amor sem verdade. E vice-versa.

Tendo em nossos corações as palavras, mandamentos e promessas do Cristo-Messias, disponhamo-nos e preparemo-nos com o coração apressado para receber o Paráclito, tendo recebido durante esse período os ensinamentos e exortações da Igreja – âmbito fisiológico onde este opera - a fim de manifestarmos-nos também nós filhos da luz seguindo a exortação do Apóstolo:

*Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor.  
Vivam como filhos da luz,  
pois o fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade;  
e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor.*

(Ef 5:8-10).

